

Considerações sobre o Índice Geral apresentado  
para uma revisão da história da arte na América Latina.

Os resultados preliminares da reunião de Oaxaca propõe uma revisão crítica da história da arte sobre a América Latina. Numa abordagem subjetiva aos países latino-americanos, conseguiu-se efetivamente colocar em relêvo alguns eixos de questão:

1) Foram apontadas constantes em nossa história cultural, ao longo dos séculos XIX e XX: os projetos nacionais, as Utopias do progresso e os projetos desenvolvimentistas, tal qual vem formulados nos itens 1 e 2.

2) Quanto às vanguardas modernistas e correspondente segmentação cultural, que tem lugar ao longo do século XX, assuntos referidos nos itens 3 e 4, penso que seria preferível angular a questão em perspectiva temporal e dinâmica, indo além das tensões entre popular e erudito, ultrapassando-se a apropriação do popular pelas vanguardas modernas. Seria o caso de se considerar a estratificação do popular (fenômeno que ocorre, por exemplo no Brasil, nos fins dos anos 40 ao longo dos anos 50); os limites do imaginário popular e a emergência de novos paradigmas a partir do surgimento da indústria cultural (o que acontece no Brasil nos anos 60); eliminação das distâncias entre alta cultura e cultura popular; fusão e intertextualidade característica do processo deslanchado nos anos 70. Enfim, tudo indica ser vantajoso explorar diferentes discursos sobre o popular, suas semantizações, modos de inscrição e apropriação, suas transformações.

Quanto as questões de corte etnológico, como os estudos recentes sobre a cultura afro-brasileira, entre os quais se inclui a contribuição de Gerardo Mosquera sobre artistas cubanos, lembro que trazem à luz uma preocupação recorrente, e que tais preocupações já se mostravam presentes em levantamentos antropológicos feitos pelos modernistas: Mario de Andrade, Oneida Alvarenga, Luiz Saia, atuantes nos anos 40.

Postularia o tratamento em termos de tensões e oposições para o tema **Resistência do projeto moderno** na América Latina e **Desmodernidades**. Seria imperdoável omitir o apêgo ao projeto moderno, demonstrado ao longo do século XX, que teve no Brasil importante contribuição arquitetônica por referência.

---

Uma outra redução no temário poderia induzir enganos. Há que se ter pautada também a **irreducibilidade da experiência estética**, frente a qual se estabelecem **estratégias de arte política**. Lembro as vantagens de proposições menos sectárias e mais polêmicas, em especial porque explicitam os interlocutores dos debates e clarificam a orientação dada aos projetos.

Para não correr o risco de me repetir, apresento em anexo proposta de um possível alargamento do temário, sugerindo seja enfatizada a transição contemporânea, entre os anos 60 e 70. E a título de recomendação, que seja contemplada, se não explicitamente, pelo menos nos parâmetros do raciocínio geral, a forte presença da *media* no mundo contemporâneo.

Quanto aos processos que envolvem estar **fora da nação**(item 6), o tema evoca tanto o exame das migrações e impactos, como da experiência daqueles que, permanecendo nos limites de seus países, mostram-se cada vez mais referidos ao exterior. Enfim, aponta sob várias direções o processo de constituição e transformação das referências culturais. O tema é oportuno e estabelece uma ponte com o item 1, abrindo perspectivas para reflexão sobre processos de interculturalidade, desde a vinda dos viajantes estrangeiros para a América até a contemporânea "globalização" da cultura.

Observando o índice geral proposto, pareceu-me apresentar um viés demasiado, para não dizer estritamente, sociológico ...quase não se fala em questões estéticas, as obras são pouco mencionadas. A louvável intenção de uma perspectiva interdisciplinar da história da arte não poderia encobrir a história de **obras e idéias** sobre arte, ainda que venha incluir o que "falam" as próprias instituições culturais. Não seria conveniente cogitarmos uma história de obras de arte paradigmáticas e exemplares?

Transparece certa ortodoxia na abordagem, razão pela qual incluiria entre as recomendações, maior atenção aos aspectos reativos, conforme intenção já explicitada nas ABORDAGENS:

Convém que se examine simultaneamente o **pensamento** sobre arte e as **obras**; é urgente, a meu ver, a revisão historiográfica do pensamento sobre arte e da história da cultura, que compreendem critérios apreciativos sobre as obras de arte, marcando profundamente o processo artístico na América Latina. Cito dois momentos marcantes para exemplificar a questão:

*O primeiro: o ideário em torno da arte pública.*

Restritamente: a **pintura mural** - assunto ao qual Rita Eder tem dado tratamento exemplar -, na qual o valor estético colabora para o discurso edificante e propagandístico. De uma maneira geral: **a articulação do projeto artístico com programas culturais do Estado.**

Lembro a irradiação da experiência mexicana no continente, com a viagem de Siqueiros ao Brasil, em 1933, sua fala no Clube dos Artistas Modernos impressionando vivamente Mario de Andrade, a instituição de um aparato de gestão cultural no corpo do Estado pelos intelectuais modernistas, conforme novas concepções e através da constituição do Departamento de Cultura, em São Paulo em 34; o Serviço de Patrimônio Federal, o surgimento de legislação sobre acervo artístico; o muralismo Portinaresco.

Os fatos evidenciam que a orientação pública dada à arte, os propósitos de gestão estatal da cultura se imprimem nas manifestações da primeira metade do século. Se contrapostos ao impacto dos reclamos sociais de origem expressionista, como o propagado por Kate Kolwitz pelos idos de 34, certamente levarão à constatar o predomínio da vertente pública de caráter estatizante sobre o brado individualista. É preciso por em discussão direções fortemente impressas na arte latino-americana, que abrangem aspirações nacionalistas e fazem contraponto com outros movimentos políticos de organização da cultura. Lógico que esses temas sempre trazem consigo o perigo e as desvantagens de uma acentuada sociologização da história da arte.

*O segundo se refere a tema correlato: o ideário em torno da abstração.*

Trata-se evidentemente da constatação de um combate acirrado à arte abstrata; do antagonismo entre abstratos e figurativos; assim como de um necessário alargamento da compreensão das abstrações no século XX. Não podemos continuar respaldando a pecha de "procedimento indigno e de delinquentes". Seria oportuno rever a questão, examinando singulares contribuições dadas por artistas ditos "abstratos". Num segundo momento, o debate contempla o casamento da ideologia progressista com a abstração e a consolidação do projeto construtivo na arte. Resultado profícuo de Torres Garcia, das vanguardas concretas e neoconcretas.

Dada a amplitude de questões relevantes, como selecioná-las e fazer frente às exigências de aprofundamento reflexivo de tantos temas?

Tudo indica termos a oportunidade de realizar uma nova publicação, propulsionada pela pesquisa e debate entre autores, compreendendo notadamente estudos comparativos ao invés de reunirmos os pontos de vista já enunciados por cada um.

Não se trata, a meu ver, de realizarmos um manual de história da arte, que se caracterize pela extensão e abrangência, mas pelos propósitos críticos presentes nos modos de organização do conhecimento sobre a arte.

Sou favorável à escolha de determinados eixos de questão, em detrimento de outros, para efetivamente possibilitar a pesquisa e o aprofundamento pelo intercâmbio de pequenos grupos de autores. As linhas gerais selecionadas poderiam contar com a contribuição de grupos de trabalho menores, definidos com participação de diversos países, possibilitando melhor articulação das idéias, autores, respeitando-se afinidades estético-culturais.

set 1996

Ana Maria Belluzzo